



# GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOS EMPREGADOS DO BANCO BPI

## Entrevista a Fernando Rocha

**GD: De que gosta muito?**

Da natureza, de pessoas leais.

Lealdade, para mim, é tudo... ou quase tudo.

**GD: O que detesta?**

Pessoas que jogam num pau de dois bicos. Ora são amigáveis ora são adversas e até agressivas.

**GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?**

Um passo a menos. A morte é uma inevitabilidade que eu aceito com todo o respeito. Devemos confiar na vida e aceitar a morte com naturalidade.

**GD: Quando descobriu que tinha talento?**

Hahaha, ainda não descobri.

Algumas pessoas, aqui e ali, iam-me dizendo que gostavam de ler as palavras que eu escrevia.

**GD: O propósito da sua arte é servir os outros ou servir a arte?**

Servir essencialmente os outros. A arte deve ser cultivada, aperfeiçoada, sim, mas é a sociedade e a sua evolução que me preocupam.

**GD: Quem é o seu escritor de eleição?**

Miguel Torga e Eugénio de Andrade.

**GD: O que é que a escrita lhe oferece?**

Uma antena de comunicação, o reencontro com os outros numa conversa de pensamentos que precisam de ser partilhados. Proporciona-me uma existência mais útil e agradável.

**GD: Quem é o seu ídolo?**

Alguém de que ainda hoje lhe falei e com quem convivi alguma coisa e aprendi a respeitar, apreciar e admirar: Miguel Torga.

**GD: A sorte somos nós que a fazemos?**

Sim. Costuma dizer-se que “a sorte dá muito trabalho”. É importante irmos ao encontro dela, aproveitar e recolher tudo aquilo que ela tiver para nos oferecer.

**GD: Picasso disse em tempos: “A inspiração quando chega encontra-me sempre a trabalhar.” Também lhe acontece isso, ou só pega numa esferográfica e num pedaço de papel quando se sente inspirado?**

Só quando me sinto inspirado. É fundamental que assim seja, porque sem isso a escrita é apenas um jogo de palavras.

**GD: Na vida qual é a regra do jogo?**

Fazer uma boa interpretação do mundo com a nossa entrega, de modo a conseguirmos evoluir e melhorar a nossa mundivivência.

**GD: Come as 12 passas no 31 de Dezembro?**

Não, nunca acontece. Embora confesse que sinto vontade de o fazer.

**GD: Tem alguma jóia, mais rara que tudo no mundo?**

Prezo muito a minha família... e também um bom amigo. Guardo saudades e conservo um apreço especial por alguns colegas e pela instituição onde trabalhei.

**GD: Como cuida da sua jóia rara?**

Da única forma possível: estando atento todos os dias. Garantir que sou um homem de princípios ajuda. Tento demonstrar isso mesmo pelas minhas atitudes do dia-a-dia – mesmo não proferindo uma palavra, ter a certeza de que ela sabe que, sempre que necessário, eu estarei lá...

**GD: A vida tem-lhe oferecido limas ou limões?**

Limões, com os quais tenho feito algumas limonadas – ou refrescos, como se diz aqui no Norte.

**GD: Está zangado com alguém?**

Não. Cada um trata da sua vida o melhor que pode e sabe. Por vezes a vida é uma selva, e o nosso instinto de sobrevivência pode levar-nos a fazer algumas coisas menos próprias e a deixar algumas pessoas para trás. Eu compreendo isso, e, como tal, não me consigo zangar com ninguém durante muito tempo. Neste momento, não estou zangado com ninguém, felizmente.

**GD: Quem punha na prisão?**

Não gosto de prisões. Acho até que a sociedade lhe dá um mau uso. Inadequado uso: no modo e no tempo. Pelo princípio do Padre Américo: “não há maus rapazes”.

**GD: Quem o faz sentir-se especial?**

Tenho dificuldade em responder a essa pergunta. Pelo simples facto de que não me sinto especial e não estou a ver como algo ou alguém vai conseguir tamanha proeza. Ultimamente tem-me acontecido, para minha surpresa, uma experiência que estou a apreciar. É uma coisa recente: gosto daquilo que escrevo. Mas isso não me eleva como sendo um bom escritor ou como sendo alguém especial ou fora de série.

**GD: É homem para dizer “Desculpa”?**

Sim, sem dificuldade nenhuma.

**GD: ... e há alguém a quem gostasse de pedir desculpa?**

Não. Não sinto essa necessidade. Procuo ser sempre correcto com os outros, e, quando tenho de pedir desculpa, faço-o na hora.

**GD: É homem para dizer “Amo-te”?**

Que bela pergunta! Reconheço que tenho dificuldade. Mesmo a quem muito o merece; a minha esposa, por exemplo, eu tenho alguma dificuldade em o dizer. Não é de hoje, mas de sempre. O amor é muito difícil de definir, e nós corremos sempre o risco de prejudicar a sua pureza original. Como dizia Eugénio de Andrade, “as palavras gastam-se” e esta, «amor», deve ser particularmente preservada.

**GD: No seu livro, dois dos contos terminam com cenas que, de uma forma engraçada e ao mesmo tempo marota, nos transportam para alusões ao sexo. Não podemos deixar de lhe perguntar se o sexo é mais importante aos 20 ou aos 60.**

Muito mais importante aos 20. Estamos no início, tudo é novo, tudo é descoberto. É a altura em que compreendemos que há outra pessoa que nos completa. É a altura em que transmitimos sensibilidade e aprendemos a falar sobre sexo e amor.

**GD: O que se faz, enquanto a chama flutua?**

Aqui no Norte, conversa-se, come-se (especialmente fumeiro), fala-se de coisas domésticas, faz-se uma recriação do trabalho do dia, restabelecem-se energias... vive-se.

**GD: Um grande sábio judaico disse em tempos o seguinte: “Lembrar o passado, viver o presente e confiar no futuro.” Enquanto a Chama Flutua foi um regresso ao passado. Como vive o presente?**

Este livro é realmente um regresso ao passado... mas um passado que eu entendi merecia ser reconstituído. As sociedades precisam de se ancorar nos valores do passado para continuar a sua evolução. Não somos propriamente fruto de uma cultura espontânea em que cada geração, com sorte ou sem ela, vai buscar a imensidão do saber à sua própria origem. Como tal, este livro tem como objectivo ser um documento com a capacidade de nos mostrar como éramos na altura, sem descurar como somos agora: consegue articular estratos temporais. Vai mais longe: consegue humanizar um ente inorgânico – o automóvel – e fazer dele um novo ente familiar junto de nós.

**GD: Confia no futuro?**

Muito. E acho que devemos cultivar essa confiança, a começar pela confiança uns nos outros. Sem confiança é difícil atingir objectivos.

**GD: Como é que um bancário reformado ocupa o seu tempo?**

Todas as noites têm 4 horas em que é muito difícil estar acordado, assim como os dias têm um período de 4 horas em que é fundamental estarmos ocupados. Procuo que os meus dias tenham um período de algumas horas que venham a revelar-se interessantes e gratificantes. Como é que procuro utilizá-las? Abordando as fontes que alicerçam o que escrevo, numa busca incessante de conhecimento: dialogando, fazendo leituras, fazendo interpretação de pensamentos ou simplesmente escrevendo. Faço também caminhadas pela natureza... É fundamental que, no final de cada dia, eu sinta que tive um período meu, que ajudou e contribuiu para um equilíbrio que todos sabemos ser fundamental.

**GD: Num dos contos do seu livro, uma criança e uma bola conseguem impedir o início de uma batalha campal entre duas povoações. Acha que tal seria possível nos dias de hoje?**

Sim, claramente. Hoje, provavelmente, somos ainda mais loucos e apaixonados por futebol e continuamos a ter muito respeito e ternura pelas crianças. É quase imediato o alívio de tensões quando surgem crianças e bolas. Independentemente daquilo que esteja em disputa, o nosso lado bom vem ao de cima.

**GD: O livro da vida?**

*Confesso Que Vivi*, de Pablo Neruda. Marcou-me bastante. Foi com ele que percebi que um escritor podia ir muito para além da articulação de palavras. Fantástico escritor!

**GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?**

Tenho preferência pela floresta, mas reconheço a importância da árvore. É no detalhe que vou buscar os motivos e a explicação para aquilo que acontece no plano alargado.

**GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?**

No destino. O destino acontece com gente motivada e dinâmica.

**GD: «... e o resto, era poupança para dias da chora.» O que são dias da chora?**

Dias de penúria, de aflição por infortúnio em que dificilmente se arranja alguma coisa para colocar na sopa e sobreviver. O Inverno, uma doença súbita e grave, a perda de emprego, a morte inesperada, identificam-se com esses dias, ainda hoje.

**GD: O que é um diálogo de almas?**

Ainda bem que me faz essa pergunta, porque é aí que se percebe um escritor. É a capacidade de duas pessoas se entenderem sem trocar uma palavra. Um escritor não pode ser superficial. Tem de ir ao fundo da questão. É quando nos despimos de artifícios, de preconceitos e de complexos que oferecemos ao leitor toda a nossa parte humana. Mas no livro eu vou mais longe: estabeleci um diálogo de duas almas bem distintas. Encontrei forma de estabelecer um diálogo entre a alma da guitarra de Carlos Paredes e a alma dele próprio. Diálogo de almas é a comunicação silenciosa entre essências.

E mais não digo, senão os sócios não vão precisar de comprar o livro ☺.

**GD: O que queria ser quando era menino?**

Aviador.

**GD: «Nas mãos do lavrador ficam os calos. No cabo da enxada, as manchas escuras do suor e a erosão da granítica pega diária.» O que fica na memória de um bancário reformado?**

A proximidade com as pessoas; o diálogo e a relação com clientes e amigos; ser interveniente na evolução da sociedade.

**GD: Tem saudades de quê?**

Dos tempos da vida profissional. Sempre me considereei reconhecido e muito premiado.

**GD: ... e agora, que a alma já flutuou?**

Todos os dias escrevo. Está já na forja um livro, que se vai chamar *Sem Dar por Ela* ou *Sem Dar por Isso*. Será um belo exercício à nossa capacidade de reflexão, com pensamentos que recuperam o que perdemos na velocidade dos nossos dias e o ritmo alucinante que imprimimos. As coisas acontecem e passam por nós sem darmos por isso. Vou querer falar, olhos nos olhos, e reflectir com os meus leitores. Atendendo a que não vamos estar frente a frente, poderá ser um encontro de almas, se quiser...

**30. Responde com uma palavra apenas**

**GD: Teatro ou cinema?**

Teatro

**GD: Praia ou campo?**

Praia

**GD: Primavera ou Verão?**

Primavera

**GD: Beijo ou abraço?**

Abraço

**GD: Manhã ou tarde?**

Manhã

**GD: 25 de Abril**

Esperança absoluta

**GD: Douro**

A rara beleza. Um brinde dos deuses.

**GD: Futebol Clube do Porto**

Orgulho, respeito e admiração

**GD: Bruno de Carvalho ou Luís Filipe Vieira?**

Luís Filipe Vieira

**GD: Esternocleidomastoideo**

Palavra complicada, mas muito ligada a um grande filme e a um enorme actor português.

**GD: Grupo Desportivo**

Volto a não conseguir, apenas numa palavra ☺. Ótimo. Uma diferenciação perante outras instituições. Um lugar de acolhimento. Uma distinção BPI.

**Por Rui Duque, 4-08-2018**